

China vira 5º maior investidor global

País sobe do 12º para o 5º lugar entre as nações que mais realizam investimentos produtivos no exterior e se prepara para ir além

Cláudia Trevisan

CORRESPONDENTE / PEQUIM

A China subiu no ano passado da 12.ª para a 5.ª posição no ranking das nações que mais fizeram investimentos produtivos em outros países, com um total de US\$ 56,5 bilhões, e deverá aumentar ainda mais os negócios fora de suas fronteiras nos próximos anos. “Isso é apenas o começo”, afirmou há poucos dias Shen Danyang, vice-diretor do Departamento de Imprensa do Ministério do Comércio.

Segundo ele, o investimento chinês em outros países completou em 2009 oito anos consecutivos de expansão, período no qual o crescimento médio foi de 50% ao ano. Apesar disso, os US\$ 56,5 bilhões representaram pouco mais de 5% do Investimento Estrangeiro Direto (IED) global no ano passado, que somou US\$ 1,1 trilhão.

A cifra ainda é pequena quando comparada ao ritmo de ascensão do Produto Interno Bruto (PIB) da China e ao apetite de suas companhias por oportunidades de expansão no exterior, ponderou Shen. “O ritmo de

crescimento (dos investimentos) nos próximos anos será muito mais alto do que o registrado em anos anteriores.”

Enquanto o mundo mergulhou nos últimos dois anos na mais grave crise em sete décadas, a China aproveitou a queda de preços globais e saiu em busca de bons negócios, fechando operações que vão da compra da sueca Volvo à aquisição de minas e redes de transmissão de eletricidade no Brasil.

Se forem considerados apenas os investimentos produtivos não financeiros, a China ficou em sexto lugar no ranking de 2009, atrás de Estados Unidos (US\$ 248,07 bilhões), França (US\$ 147,16 bilhões), Japão (US\$ 74,67 bilhões), Alemanha (US\$ 62,71 bilhões) e Hong Kong (US\$ 52,27 bilhões), segundo dados da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad).

Por esse critério, os investimentos chineses somaram US\$ 48 bilhões, com retração de 9% em relação ao ano anterior. No mesmo período, o fluxo global de IED despencou 43%. Em 2008, o volume de recursos que saíram da China para atividades produtivas no exterior havia dado um salto de 132%, para US\$ 52,15 bilhões.

● Nova demanda

ERIC BETHEL

CEO DO SINOLATIN CAPITAL

“Cerca de 400 milhões de chineses vão se mudar do campo para as cidades nos próximos 20 anos, e esse processo vai aumentar a demanda por ferro, aço, petróleo, soja, plástico e uma infinidade de outras coisas.”

Política de expansão. Mesmo com a recuperação dos preços dos ativos, o apetite chinês se mantém. Instituto de pesquisa ligado ao governo de Pequim estima que o fluxo de investimentos externos do país chegará a US\$ 100 bilhões em 2013 e poderá igualar o que a China receberá em IED dois anos mais tarde.

O governo de Pequim adotou há quase uma década a política

de internacionalização das empresas do país, batizada de “go global”, mas o movimento só ganhou impulso nos últimos dois anos, com a crise global.

A maioria das transações está relacionada à compra de fontes de recursos essenciais ao crescimento do país, como minérios e petróleo, mas os chineses também querem comprar tecnolo-

gias avançadas, ter acesso a redes de distribuição para suas exportações e atuar na indústria.

Como em todas as regiões, a presença da China na América Latina também está em alta desde 2008, e a região assistiu nos últimos meses a uma sucessão de anúncios de negócios bilionários, incluindo o Brasil.

“Durante a crise, muitos pro-

dutores de commodities da América Latina não tinham acesso ao mercado de capitais, enquanto os investidores de EUA e Europa ficaram sem recursos para investir. As duas coisas, aliadas à crescente demanda da China, levaram ao aumento dos investimentos do país asiático, que tinha dinheiro para realização de negócios”, diz Erik Be-

thel, CEO do SinoLatin Capital, banco de investimentos especializado em negócios entre as duas regiões.

A queda no preço dos ativos também teve papel fundamental para o aumento da presença chinesa na região, observa Bethel. Apesar disso, ele acredita que os negócios tendem a aumentar ainda mais no futuro, mesmo com a recuperação dos preços.

A principal razão é o forte ritmo de crescimento da China, que continuará a ser alimentado pelo maciço processo de urbanização. “Cerca de 400 milhões de chineses vão se mudar do campo para as cidades nos próximos 20 anos e esse processo vai aumentar a demanda por ferro, aço, petróleo, soja, plástico e uma infinidade de outras coisas.”

País já anunciou negócios de US\$ 12 bi com o Brasil este ano

Desde o início de 2010, a China anunciou negócios no valor de quase US\$ 12 bilhões no Brasil, muitos dos quais ainda precisam ser confirmados. Entre os já reali-

zados, o maior negócio foi a compra de 40% do campo de petróleo Peregrino pela estatal Sinochem, uma operação de US\$ 3,07 bilhões fechada em maio.

Dois meses antes, outra estatal chinesa, a CNOOC, havia desembolsado US\$ 3,1 bilhões por 50% da empresa argentina de gás e petróleo Bidas.

Empréstimos. Além de comprar ativos, a China tem concedido empréstimos que devem ser pagos por meio da entrega de pe-

tróleo. O modelo foi usado no ano passado no financiamento de US\$ 10 bilhões do Banco de Desenvolvimento da China (BDC) à Petrobras.

Acordo semelhante, mas no valor de US\$ 20 bilhões, foi fechado em abril entre o banco chinês e o governo da Venezuela.

A China é o segundo maior

consumidor e importador de petróleo do mundo, depois dos Estados Unidos, e tem uma dependência crescente de fornecedores estrangeiros para suprir suas necessidades energéticas. No ano passado, o país importou 52% do petróleo que consumiu e o governo estima que o porcentual chegará a 65% em 2020. **J.C.T.**

Imagem